



PO-ÉTICAS PRETAS DE [RE]EXISTÊNCIA

– Apresentação –

Marcia Sousa¹ e Nina Caetano²
(orgs.)

Toda articulação política é uma ficção visionária. (...) Somos os sonhos das gentes pretas escravizadas a quem foi dito que seria “irrealista” imaginar um dia em que elas não seriam mais chamadas de propriedade. Essas pessoas pretas recusaram-se a confinar seus sonhos ao realismo e, em vez disso, elas nos sonharam. Assim, elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos.

(Walidah Imarisha em **Reescrevendo o futuro**, 2016).

Brasil. Dezembro de 2020. A pandemia de Covid-19 já matou mais de 170 mil pessoas no país, sendo a maioria das vítimas composta por pessoas negras. No último dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, João Alberto, um homem negro, foi espancado até a morte por dois seguranças, no estacionamento de uma rede multinacional de supermercados que já acumulava casos anteriores de violência racista. No dia seguinte, as ações do grupo subiram na Bolsa de Valores.

Brasil. Dezembro de 2020. Aqui, como em outras partes do mundo, explodem manifestações e protestos bradando: *Vidas Negras Importam!* Intelectuais negras e negros, aqui, como em outras partes do mundo, ocupam as redes sociais, abrindo



espaços de fala para a denúncia do racismo estrutural. Artistas negras e negros ocupam a cena, numa efervescência política e estética inegável. Aqui, como em outras partes do mundo, é perceptível a urgência da produção de novos futuros e de possibilidades de *existência* para vidas negras. E é deste desejo, do desejo de cimentar ficções capazes de nos fazer projetar sonhos coletivos (Mombaça, 2016), que nasce o dossiê **Po-éticas Pretas de [Re]Existência**.

A prática da liberdade – o que Foucault descreve como uma produção de subjetividade, como uma invenção de si (unicamente de si, e de si com e através dos outros) – é ativa, produtiva, geradora, é uma criação. É nisso que a resistência, a prática da liberdade, a relação ética consigo delineiam: o espaço de uma nova política que não seria mais somente aquela do poder, [mas] uma política que tomaria a forma de uma verdadeira ontologia (REVEL, 2006: s/p).

Do desejo de trazer à tona práticas artísticas que investigam, sim, processos históricos de extermínio, violação e invisibilização das pessoas negras e de seus repertórios culturais, subjetividades e epistemes, mas, sobretudo, práticas que tanto produzem novas fabulações sobre seus *modos de existir* quanto constroem poéticas e políticas da cena que sejam contra hegemônicas; que sejam contra narrativas que tragam à escuta uma “multiplicidade de vozes”, de modo a desestabilizar “o discurso autorizado e único que se pretende universal” e as normas e cânones estabelecidos para, assim, “romper com o silêncio instituído para quem foi [sempre] subalternizado” (RIBEIRO, 2017, pp. 75-90). Ou, como afirma a crítica teatral Soraya Martins Patrocínio, no artigo *Sobre infinitudes e teatralidades desejanter de festa* que abre a seção de artigos deste dossiê:

[...] fender os regimes de representação e registros de representatividade calcados nas homogeneidades sobre as formas de ser e estar negra e negro em cena e no mundo. [...] No rastro e no vestígio da fissura se dá o gesto de fabulação, diretamente ligado ao ato de imaginar, tanto no sentido de produção de imagens para o pensamento a partir de uma (re)leitura poética das coisas no/ do mundo, como no de inventariar mundos outros possíveis, produzir epistemologias desejanter e múltiplas.

Este dossiê nasce, então, do desejo de tocar em questões candentes da atualidade, que se fazem prementes em meio ao cenário social e político não somente do Brasil, mas do mundo, cenário no qual políticas de precarização da vida e de extermínio de corpos pretos e pobres têm sido violentamente implementadas, junto



aos avanços da extrema-direita. Essas questões encontram importantes reverberações no campo expandido da teoria e da prática cênica contemporânea brasileira, cujas fronteiras esgarçam-se no intenso encontro entre arte e vida e entre ética e poética, criando aquilo que a pesquisadora Ileana Diéguez Caballero (2011) chama de “cenários liminares”, em função do estreitamento entre a dimensão estética, muitas vezes de um experimentalismo radical, e o caráter político que perpassam essas produções. Para tentar traduzir sua dimensão híbrida, as nomeamos como **Po-éticas de [Re]Existência**, pois são práticas:

que têm como eixo central a visibilização de questões ético-políticas de natureza identitária, ligadas à performatividade/fabulação de corpos considerados abjetos ou, em outras palavras, as manifestações cênico-performáticas produzidas por “corpos que não importam” (BUTLER, 2000, p.151): mulheres, pessoas trans, pessoas negras e tantas outras minorias possíveis. Tanto as práticas cênicas como os seus desdobramentos, em termos de teorização, reflexão e produção acadêmica, mas principalmente de criação de agrupamentos, redes de afeto e espaços comuns de resistência, como são por exemplo os chamados “quilombos urbanos” (CAETANO, 2020, p. 3).

Assim, apresenta-se por meio deste dossiê, trabalhos que se debruçam sobre a cena contemporânea, tratando de manifestações artísticas produzidas sob uma perspectiva étnico-racial ou em conexão com noções performativas de negritude. Neste sentido, buscamos ter em vista as inúmeras convergências possíveis do tema, a partir da chave da interseccionalidade bem como das reverberações do campo sócio-político sobre as po-éticas e processos de criação da cena contemporânea.

Como linguagem, a arte produz realidades, seja na legitimação de discursos hegemônicos ou na confrontação destes. A presença ou ausência das questões raciais nos processos de criação são posições políticas e, potencialmente, fortalece o racismo ou o combate. Entretanto, ao pensar a arte relacionada a esses coletivos e aos artistas comprometidos com as questões raciais, o potencial político é destacado como parte inseparável das suas práticas artísticas (ROCHA, 2018, p. 20).

Especificamente, optamos por publicar aqui materiais que estão para além dos formatos usuais encontrados em pesquisas acadêmicas na área das artes, como artigos e resenhas, e trouxemos também relatos de experiência, narrativas autobiográficas, poemas-canções e fotomontagens de artistas e escritoras negras e negros que abordam o tema da (re)existência como uma “busca [de] humanizar um espaço sempre tão



apartado de humanidade”, como afirma Barbara Marino em texto que integra a última seção deste dossiê, intitulada *Escritências Preto-po-éticas*.

O dossiê **Po-éticas Pretas de [Re]Existência** é composto por três seções. A primeira reúne a série de fotomontagens em preto e branco do artista visual quilombola Joelington Rios, cujo título é “*O que sustenta o Rio*”. Esta produção visual analisa as contradições entre a visão do Rio de Janeiro como “cidade maravilhosa” e a sua dinâmica econômico-social de exploração de corpos pretos, pobres e marginalizados. Esta seção traz, ainda, uma entrevista concedida a Marcia Sousa pelo artista.

Em seguida, em *Tradução*, publicamos em formato bilíngue o texto *Theatre performance as a cultural public sphere: Gukurahundi in retrospect / Gukurahundi em retrospecto: A Performance teatral como esfera pública cultural*, em que Nkululeko Sibanda, professor e pesquisador da Universidade de Pretoria (África do Sul), apresenta uma leitura do espetáculo **Talitha Koum (Alguém mentiu)**, da dramaturga e ativista do Zimbábue Victory Siyanqoba, como um exemplo de poética que emerge do espaço público cultural e traz consigo narrativas do *Gukurahundi*, um massacre que chacinou a população de etnia Ndebele durante a Guerra Civil do Zimbábue. A hipótese deste artigo é que o espetáculo propõe uma meta-narrativa dos fatos capaz de recontar a história do ponto de vista dos vencidos, questionando a narrativa histórica vigente, bem como instigar debates e reflexões em torno do Gukurahundi – parte da história da África recente pouco conhecida no Brasil.

Em *Sobre produção de infinitos e teatralidades desejanter de festa*, Soraya Martins Patrocínio nos propõe uma reflexão sobre as poéticas negras como modos de fender regimes de representação e determinações políticas e estéticas hegemônicas, a partir das noções de negrura, fissura e fabulação. Para a autora, seria possível, a partir dos gestos de fissurar e fabular, (re)elaborar poeticamente o corpo da negrura e colocar em cena narrativas singulares sobre os modos de ser e estar negra e negro no mundo.

No artigo *Mobilizando memórias da população negra a partir da performance atos da transfiguração*, Rodrigo Severo dos Santos analisa o trabalho do artista Antônio Obá intitulado *Transfiguração: desaparecimento ou receita para fazer um santo* (2015), do qual retira



elementos teóricos para pensar a constituição da identidade do povo brasileiro. A partir da comparação entre a performance e a obra “A Redenção de Cam” (1895) de Modesto Brocos, o autor coloca em questão as maneiras como o projeto de miscigenação racial e as políticas de branqueamento no Brasil aparecem no discurso progressista nacional.

Em “*Se liga, macho*”: a encruzilhada po (ética) de uma bixa preta, Paulo Petronílio investiga filosoficamente a encruzilhada como um espaço de reflexão sobre dissidências sexuais que, na intersecção com o aspecto racial, são subalternizadas. A encruzilhada é aqui um dispositivo filosófico de Exu para reafirmar outras epistemologias que possam dar conta da condição existencial que ele nos apresenta, no seu texto, em primeira pessoa.

No artigo *Empeleitada: “eu só trabalho na” ou só brinco nela?*, Renato Mendonça Barreto da Silva e Bruno Rodolfo Martins apresentam as figuras de Mateu e Bastião, personagens cômicos oriundos da cultura popular da Zona da Mata, de Pernambuco. A hipótese sustentada aqui é de que a interpretação cênica dos Nêgos Mateu e Bastião – aproximadas das figuras brincalhonas de Exu e dos Ibeyi, conduz à superação do racismo, ao vê-los como empreiteiros que negociam suas próprias relações de trabalho durante a brincadeira Cavalos Marin.

Em *Memórias de fuligem: performance preta na cena contemporânea*, João Francisco de Azevedo Neto e Naira Neide Ciotti apresentam uma reflexão sobre o processo de pesquisa e criação da performance *Fuligem* como uma denúncia da dura realidade enfrentada por cortadores de cana – os chamados “trabalhadores Boias-frias” – numa usina do Rio Grande do Norte em que vivem em condições de trabalho análogas às da escravidão. Neste artigo, João Francisco parte de sua condição, como neto e filho de cortadores de cana, para pensar o racismo estrutural também no âmbito acadêmico e da produção de conhecimento em artes.

Em *Teatro preto e dramaturgia preta: relatos de experiências de combate ao racismo nas artes da cena*, de Victor Hugo Neves de Oliveira, são levantados temas e questões relativas à importância da valorização das perspectivas e estéticas negras no teatro. Além disso, o autor apresenta uma reflexão sobre as estratégias teóricas e práticas de ensino que ocorreram durante o *Fórum de Artes Cênicas: Teatro Preto, Dramaturgia Preta*, elaborado pelo Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (DAC/UFPB). Seu artigo apresenta uma ampla reflexão sobre a necessidade de se



descolonizar o ensino das Artes da Cena, ao propor se pensar o teatro sob a perspectiva dos artistas, pesquisadores e professores pretos que formam o Teatro Preto brasileiro.

No texto “*Deslumbrante por ter magnitude*”: a sonoridade estética do espetáculo *Erê do bando de teatro Olodum*, Régia Mabel da Silva Freitas apresenta um estudo sobre a importância da sonoridade no espetáculo *Erê*, do Bando de Teatro Olodum, importante coletivo teatral soteropolitano com quase de 30 anos de existência. Neste trabalho observa-se as contribuições da estética musical para a intensificação da comunicação do texto dramático.

Em *Corpografar (re)existências nos territórios negros de Porto Alegre*, Mariana Gonçalves da Silva e Carolina dos Reis denunciam o processo de higienização da cidade de Porto Alegre e a consequente expulsão de pessoas negras do centro para a periferia urbana. Para evidenciar a existência de territórios negros na capital gaúcha, construídos a partir de dispositivos artísticos e culturais, as autoras buscam não cartografar, mas corpografar esses espaços, pois, como afirmam, não dissociam a relação corpo-cidade. Assim, ao corpografar práticas negras de (re)existência, elas apontam para a lógica excludente e segregacionista de metrópoles contemporâneas.

Encerramos a seção de textos acadêmicos com a *Entrevista com Rui Moreira*, importante bailarino, coreógrafo e investigador de cultura que, ao longo da sua vida, trabalhou em algumas das mais relevantes companhias de dança do país e do mundo, como Cisne Negro, Balé da Cidade de São Paulo, Cia. SeráQuê?, Cia. Azanie (França) e no Grupo Corpo. Nesta entrevista, realizada por Luciano Correa Tavares, Rui Moreira fala um pouco de sua trajetória artística, bem como sobre masculinidade e corporeidade negras, além de quebra de paradigmas e estereótipos sobre sua condição de homem negro em uma sociedade machista e racista.

Fechando o dossiê, trazemos a seção *Escritências Preto-éticas*, composta por uma coletânea de poemas e narrativas produzidas por mulheres pretas. Para o primeiro eixo dessa seção, selecionamos poemas-canções da compositora e rainha perpétua de Nossa Senhora do Rosário, Luiza da Iola, e da poeta-*slammer* e ativista Nívea Sabino, que, juntas, lançaram em novembro de 2020, o EP *Interioranas*, em que figuram, musicados, alguns dos versos publicados aqui. Os links para as canções acompanham os poemas. No segundo eixo, trazemos narrativas curtas produzidas a partir do projeto



Escrevendo a Liberdade, vinculado ao projeto de Extensão “Do cárcere à universidade”, da Faculdade de Educação da UERJ, que visa a criação literária em espaços de privação de liberdade. Como mulheres sobreviventes, Joyce Gravano, Bárbara Marino e Batia Jello/Iyalorixá Sandide reverberam, em sua escrita, a luta abolicionista e a defesa do direito à literatura dentro do contexto prisional.

Referências

- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAETANO, Nina. **Po-éticas de [re]existência – práticas feministas**. Anais do IX Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas - Jornada Internacional Atuação e Presença. Lume-UNICAMP e PPGADC-UNICAMP, Campinas, fevereiro 2020. Disponível em: <https://gongo.nics.unicamp.br/revistadigital/index.php/simposiorfc/article/view/698>.
- DIÉGUEZ CABALLERO, Ileana. **Cenários Liminares: teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- IMARISHA Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. Trad.: Jota Mombaça. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.
- REVEL, Judith. **“Uma subjetividade que jamais cessa de inventar-se a si própria”** (entrevista). IN: IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 203. São Leopoldo, 2006, pp. 20-28.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de Fala?** Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.
- ROCHA, Winny Silva. **Performance Preta: encruzilhadas entre arte e política**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto/ IFAC-UFOP, Ouro Preto, 2018.



¹ **Marcia Cristina da Silva Sousa** é graduada em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) e mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto. É integrante do NINFEIAS- Núcleo de INvestigações FEministAS (UFOP). Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-4003-657X> . E-mail: marciacsilvasousa@hotmail.com .

² **Nina Caetano** é performer, ativista feminista e pesquisadora da cena contemporânea. Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP, ela também é professora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e do Departamento de Artes da UFOP. Tendo como eixo central da sua pesquisa as relações estético-políticas entre feminismos e performance, ela coordena, desde 2013, o NINFEIAS – Núcleo de INvestigações FEminIstAS integrado por estudantes dos cursos de Artes Cênicas da UFOP. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6161-5592> . E-mail caetano.nina@ufop.edu.br .

